

CONTRACOLONIALISMO EM CONFLUÊNCIA, MIROSLAV MILOVIC E ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS¹

COUNTER-COLONIALISM IN CONFLUENCE, MIROSLAV MILOVIC AND ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS

Rose Dayanne²

Universidade Federal de Campina Grande, PB, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v1i2.45>

Recebido em: 20.11.2023

Aceito em: 22.12.2023

Resumo: O objetivo deste ensaio é tecer um diálogo intertextual entre o filósofo sérvio-brasileiro Miroslav Milovic e o filósofo quilombola Antônio Bispo dos Santos. O diálogo é circular. Com Milovic é possível compreender e desvelar o colonialismo cristalizado na história da filosofia, com Antônio Bispo dos Santos a necessidade em contracolonalizar. A principal fonte do diálogo são dois ensaios: “Dominação e Ideologia: Hegel”, do livro *Comunidade da Diferença* de Milovic e “Cidades e cosmofofia” do livro *A terra dá, a terra quer* de Bispo. O diálogo entre os dois filósofos é permeado pela afirmação da vida, de vários modos de vidas, que conflui para uma crítica à modernidade filosófica responsável por romper a relação do humano com a natureza e o cosmos. No lugar da conclusão, são verificadas as ressonâncias políticas da crítica ao colonialismo e a potência do contracolonalismo como crítica.

Palavras-chave: confluência, contracolonalismo, natureza, cosmos.

Abstract: The objective of this essay is to weave an intertextual dialogue between the Serbian-Brazilian philosopher Miroslav Milovic and the quilombola philosopher Antônio Bispo dos Santos. The dialogue is circular. Through Milovic it is possible to understand and unfold the colonialism solidified in the history of philosophy, through Antônio Bispo dos Santos the need to counter-colonialize. The main source of the dialogue are two essays: “Domination and Ideology: Hegel”, from the book *Comunidade da Diferença* by Milovic and “Cidades e cosmofofia” from the book *A terra dá, a terra quer* by Bispo. The dialogue between the two philosophers is permeated by the affirmation of life, of several ways of life, which converges into a critique of philosophical modernity responsible for breaking the human relationship with nature and the cosmos. Instead of the conclusion, the political resonances of the critique of colonialism and the potential of counter-colonialism as a critique are verified.

Keywords: confluence, counter-colonialism, nature, cosmos.

1 Agradeço ao professor Marco Valentim pela disciplina “Filosofia e Ecologia” por ter nos envolvido com o pensamento de Ailton Krenak e Nêgo Bispo, despertando esse texto que habitava em mim.

2 Professora Substituta na Universidade Federal de Campina Grande. Fundadora do Grupo de Pesquisa Miroslav Milovic (GPMiro).



Começo

“Não é enterrar. É plantar o defunto. Porque o morto é coisa viva.”

(COUTO, 2002, p. 53.)

No *III Colóquio Internacional Miroslav Milovic*, pronunciei o preparo de um ensaio em que promovia o diálogo entre Miroslav Milovic (Miro) e Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo). Ao tempo em que afirmei: “cada vez mais acho que Miro adoraria esse encontro. Essa confluência para usar um conceito de Nêgo Bispo. Então, por que não promover?”³

Após uma semana do Colóquio, no dia 3 de dezembro, fomos impactados com a notícia: “Nêgo Bispo ancestralizou”. Em respeito ao “lavrador das palavras”, voltei para reescrever o texto e fazer um novo começo.

Com essa notícia, muitas memórias. Todos nós sentimos: nos quilombos, nas aldeias, nas favelas e nas cidades. Confluímos em lágrimas, em rios de lágrimas para a foz da caatinga do quilombo Saco-Curtume, no Piauí.

Entre tantas qualidades e qualificações, escolhi as palavras afetuosas do amigo Ailton Krenak para apresentar Nêgo Bispo: “[...] um homem quilombola, um brilhante pensador marginal neste universo colonial, um crítico sempre tranquilo e bem-humorado das tendências políticas” (Krenak, 2022, p. 41).

No ensaio “Somos da terra”, Nêgo Bispo se distancia da identidade de “pensador”, ao afirmar: “quando provooco um debate sobre a colonização, os quilombos, os seus modos e as suas significações, não quero me posicionar como um pensador. Em vez disso, estou me posicionando como um tradutor” (Bispo, 2018, p. 1-2). Há uma distinção importante em se autoafirmar tradutor do pensamento quilombola e não um pensador. Com essa afirmação, Nêgo Bispo realça a primazia do nós no lugar do eu, a primazia do coletivo face ao individual.

Os rótulos criam identidades, o saber sintético das Universidades também, no entanto chamar Nêgo Bispo de “filósofo quilombola” é um modo de questionar a identidade da história da filosofia em nome da diferença. De igual maneira, indica o tema deste ensaio – a crítica ao colonialismo e a potência do contracolonialismo – mediado pelo diálogo entre Miro e Nêgo Bispo. No atravessamento da pergunta: onde estão os filósofos quilombolas na história da filosofia? No mural linear da história, aparece apenas adjetivações territoriais dos filósofos gregos, alemães, franceses, ingleses, no final das contas, europeus. Onde estão os quilombolas? Desterritorializados, também, na filosofia.

Se ainda hoje causa estranhamento a expressão “filósofo quilombola” é porque a modernidade negou qualquer “afinidade eletiva” entre os dois termos. Essa violência permanece e se reproduz sob forma de um “colonialismo de submissão”. Diante disso, com Miro e com Nêgo Bispo, “nós estamos tentando compreender o que faz o colonialista pensar como pensa e como devemos pensar para não nos comportarmos como ele” (Bispo, 2018, p. 4).

Para tanto, utilizo o termo contracolonial “confluência”, no lugar do conceito “afinidade

³ Gravação disponível no canal do Grupo de Pesquisa Miroslav Milovic: <https://www.youtube.com/watch?v=1feDww-MTOE&t=5586s>

eletiva” desenvolvido por Max Weber. Confluência, palavra germinada por Nêgo Bispo, quer dizer: “a energia que está nos movendo para o compartilhamento [...]. Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia” (Bispo, 2023, p. 4-5). Assim, é possível verificar uma confluência contracolonial com Miro e com Nêgo Bispo, a partir da crítica ao colonialismo europeu.

Para Miro, “parece que toda a história da filosofia comete uma injustiça profunda, tematizando várias formas do Mesmo e esquecendo o Outro” (Milovic, 2004). O outro africano, latino-americano, pobre, marginal, mulher, indígena, quilombola não aparece na história da filosofia que é, por excelência, eurocêntrica.

Miro demonstra o pensamento hegeliano como um laboratório que cria o colonialismo como produto na filosofia moderna. Ao relegar os africanos, às mulheres, às minorias, ao papel de povos sem história, Hegel constrói os argumentos em defesa da colonização. Miro faz o alerta: “a dominação e a colonização do mundo são, portanto, as últimas palavras da modernidade, e por isso, temos de nos perguntar qual é o preço a pagar para sermos modernos e entrarmos no mundo global” (Milovic, 2004, p. 20).

Ciente disso, Nêgo Bispo afirma: “Eu, por dominar a técnica de adestramento, logo percebi que, para enfrentar a sociedade colonialista, em alguns momentos ‘precisamos transformar as armas dos inimigos em defesa’, como dizia um dos meus grandes mestres de defesa” (Bispo, 2023, p. 3). Uma das armas da modernidade e do colonialismo foi o ato de nomear. Esses conceitos foram naturalizados pelo saber sintético, criaram identidades, inclusive, disciplinas nas Universidades.

Para promover a diferença e contracolonizar, Nêgo Bispo propõe “o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las [...]. Vamos pegar as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar as nossas palavras que estão enfraquecidas e vamos potencializá-las” (Bispo, 2023, p. 3). Essa é a chamada “guerra de denominações”. Desse modo, para potencializar o contracolonialismo é preciso enfraquecer o colonialismo. É o que farei a seguir.

Meio

A partir deste item será analisado a crítica ao colonialismo e o contracolonialismo como crítica. Para tanto, a fonte principal são dois ensaios: “Dominação e Ideologia: Hegel” e “Cidades e cosmofofia”. Respectivamente, dos livros *Comunidade da Diferença* (2004) de Milovic e *A terra dá, a terra quer* (2023) de Bispo. Sendo assim, o primeiro movimento caminha para uma crítica da relação do humano com a natureza e o segundo movimento para uma crítica da política.

Miro começa o ensaio com a seguinte afirmação: “o mundo atual, o mundo global, é um delírio hegeliano. Tudo o que queremos aqui, neste primeiro ensaio, é explicar essa afirmação” (Milovic, 2004, p. 11).

Entender o delírio hegeliano pode ajudar a compreender o delírio moderno, o mundo em que vivemos, os nossos delírios e, por conseguinte, a nós mesmos. A filosofia de Milovic é explícita ao indicar que a teoria política moderna seguiu o caminho contratualista com Hobbes,

Locke e Rousseau e a modernidade filosófica o caminho do idealismo alemão com Kant e Hegel. Milovic nos provoca a refletir sobre uma outra modernidade com Spinoza. No lugar do contrato o *conatus*, no lugar do sujeito constitutivo kantiano, a afirmação da natureza. Assim, me parece que nossos ancestrais pegaram o caminho equivocado e seguimos no erro.

No ensaio referido, Miro destaca: “uma das teses de discussão será que a filosofia de Hegel articula a essência da modernidade filosófica e social” (Milovic, 2004, p.11). Duas metafísicas aparecem no ensaio e ajudam a entender a ruptura construída pela modernidade filosófica. A “metafísica da objetividade” não explica mais o mundo moderno que passa a ser explicado pela “metafísica da subjetividade” com ênfase em novas categorias: o sujeito, a subjetividade e a intersubjetividade. Essa abertura iniciada pelo pensamento de Descarte, se consubstancia na filosofia de Kant e Hegel.

“Todavia, Hegel alega que Kant, ao afirmar o sujeito constitutivo, ainda permaneceu dentro da relação cartesiana entre sujeito e objeto que se propunha criticar, pois o sujeito kantiano, assim como cartesiano, ainda está fora do objeto” (Milovic, 2004, p. 12). A liberdade kantiana vinculada ao prático ainda está ligada a interioridade; Hegel, por sua vez, quer vincular a liberdade ao social e a autoconsciência. “Como filósofos temos que ser críticos, e os filósofos críticos não aceitam os fatos. Para Hegel, Kant não é o exemplo do filósofo crítico mesmo tendo colocado a palavra “crítica” nos títulos de todas as suas obras” (Milovic, 2004, p. 13).

O *primeiro movimento* do contracolonialismo como crítica confronta a filosofia de Descarte, Kant e Hegel, na medida em que ambas reiteram a superioridade do ser humano em relação à natureza. Com Descarte, nos tornamos “senhores e possuidores da natureza”⁴, kant, por sua vez, “faz do homem o “fim supremo” [o que] permite-lhe ‘sujeitar, se puder, toda a natureza a esse fim’, isto é, degradar a natureza e o mundo a simples meios, privando-os de sua dignidade independente” (Arendt, 2020, p. 204). Para Hegel, “temos de superar a natureza para realizar o mundo humano” (Milovic, 2004, p.14). O efeito moderno da superioridade humana se verifica no modo como devastamos a natureza e a cosmofobia como doença. Nêgo Bispo confrontando-se com esse modo de pensar, afirma:

dentro do reino vegetal, todos os vegetais cabem, dentro do reino mineral, todos os minerais cabem. Mas dentro do reino animal não cabem os humanos. Os humanos não se sentem como entes do ser animal. Essa desconexão é um efeito da cosmofobia.

A cosmofobia é o medo, é uma doença que não tem cura, apenas imunidade. E qual é a imunização que nos protege da cosmofobia? A contracolônização. (Bispo, 2023, p. 8-9).

O antídoto à alienação moderna, ao mundo global, é contracolônizar. No Brasil, há povos contracolônias. Os povos originários e povos quilombolas compõem o rastro dessa resistência. Vivem de forma orgânica e ainda são os responsáveis por oxigenar o planeta. Seus modos de vidas não são produtos da filosofia dos iluministas, dos humanistas e da modernidade. Diz Nêgo Bispo: “Não somos humanistas, os humanistas são as pessoas que transformam a natureza em dinheiro, em carro do ano. Todos somos cosmos, menos os humanos. Eu não sou humano, sou quilombola. Sou lavrador, pescador, sou um ente do cosmos” (Bispo, 2023, p. 16).

4 Ver Descartes, R. *Discurso do método*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

A diferença entre ser humano e ser quilombola reflete o estilo de vida colonial e contracolonial. No tempo presente, não se trata apenas de um colonialismo histórico, mas também da submissão ao colonialismo. Esse padrão está impregnado na cidade, pois “os povos da cidade precisam acumular. Acumular dinheiro, acumular coisas. Estão desconectados da natureza, não se sentem como natureza. As cidades são estruturas colonialistas” (Bispo, 2023, p. 10). Os povos da cidade são moradores, enquanto os quilombolas são compartilhantes. Nêgo Bispo reitera:

No quilombo, somos compartilhantes, desde que tenhamos nascido aqui ou que tenhamos uma relação de pertencimento. E quando digo da relação de pertencimento com o quilombo, falo de uma relação com o ambiente como um todo, com os animais e as plantas. (Bispo, 2023, p. 22).

O estilo de vida nas cidades é uma sequela da devastação predatória do meio ambiente. Ser da cidade é não ter pertencimento, é ser cosmofóbico, viver em desconexão com a natureza. Por sua vez, ser quilombola é ter pertencimento é viver em relação com a natureza, em biointeração. O baixo índice de mortes por Covid-19 nos quilombos, segundo Nêgo Bispo, reflete uma forma de vida: nos quilombos as pessoas não se aglomeram, as pessoas se relacionam. Esse modo de habitar não é moderno, é ancestral. Portanto, a maneira como se territorializa os espaços, o modo como se vive, reflete na transmissão de doenças e na taxa de óbitos.

A ancestralidade dos povos originários e dos quilombolas indica também a relação cosmológica deles com a natureza. Isso transparece na escrita de Ailton Krenak no “rio-avô”, no “nós: nós-rio, nós-montanhas, nós-terra” (Krenak, 2022, p. 13) e na tradução do pensamento quilombola de Nêgo Bispo: “nossa geração avó dizia que a gente planta o que a gente quer, o que a gente precisa e o que a gente gosta, e a terra dá o que ela pode e o que a gente merece” (Bispo, 2023, p. 58). Em outra passagem, a interação cosmológica é ainda mais explícita: “plantávamos vários tipos de sementes juntas porque o que nos regia eram as orientações do cosmos” (Bispo, 2023, p. 58).

A filosofia moderna rompeu os vínculos do humano com o cosmos e estamos vivenciando as consequências trágicas dessa ruptura. O mais perigoso é que essa “alienação cosmológica” do humano, o modo destrutivo dos povos da cidade, causa a morte de muitas outras vidas. Em *Futuro Ancestral*, Krenak afirma: “[...] estamos atuando no sentido de uma transfiguração, desejando aquilo que o Nêgo Bispo chama de confluência, e não essa exorbitante euforia da monocultura, que reúne os birutas que celebram a necropolítica sobre a vida plural dos povos deste planeta” (Krenak, 2022, p. 40).

A cidade, lócus da individualidade, está fundada na reprodução do capital, na “vida nua” dos humanos. Em contraposição, os quilombolas e os povos originários vivem do compartilhamento com os outros seres vivos e com o cosmos, assim, afirmam modos de vidas plurais e a coletividade. A epígrafe “começo, meio, começo” de Nêgo Bispo conflui com a tese “futuro ancestral” de Ailton Krenak e com a “comunidade da diferença” de Milovic, pois ambas negam a compreensão do tempo linear da modernidade, do progresso e do desenvolvimento. O “humanismo é uma palavra companheira da palavra desenvolvimento, cuja ideia é tratar os seres humanos como seres que querem ser criadores, e não criaturas da natureza, que querem superar a natureza. Do lado oposto dos humanistas estão os diversos – os cosmológicos ou orgânicos”

(Bispo, 2023, p. 16).

Os povos originários e quilombolas são povos cosmológicos e fazem o seguinte convite contracolonial: “vamos escutar a voz dos rios, pois eles falam. Sejamos água, em matéria e espírito, em nossa movência e capacidade de mudar de rumo, ou estaremos perdidos” (Krenak, 2022, p. 27).

Começo

Para contracolonizar é preciso entender o colonialismo, inclusive, que habita nos saberes-poderes. O ensaio de Miro “Dominação e Ideologia: Hegel” é pedagógico, pois desmonta a arquitetura da filosofia moderna cujo fundamento é colonial. “A filosofia hegeliana mostra-se como afirmação do espírito colonialista”, assevera Milovic. Logo, é necessário entender a coimplicação do pensamento moderno, da teoria, nas ações e práticas colonialista de exploração e escravidão:

em suas palestras sobre a filosofia da história mundial, Hegel vai falar sobre a ausência de história, por exemplo, na África. Os africanos ainda estariam no nível do natural, sensual, concreto, não conhecendo o espiritual. Hegel defende até mesmo a colonização deles, porque assim conheceriam a liberdade. Hegel prossegue argumentando que, assim como os escravos dos europeus, os africanos, uma vez colonizados, só iriam amadurecer. (Milovic, 2004, p. 18).

A partir disso, Milovic conclui que a modernidade além de colonialista é falocêntrica, pois a mulher também é reduzida ao lugar do natural, do doméstico, do particular, bem longe da sociedade civil e da participação política. De entusiasta da Revolução Francesa, o pensamento de Hegel reforça que “a história é, portanto, a cena da dominação; de outro modo, a dominação se realiza na história. [...] poderíamos dizer que a dominação tem características europeias, o que pode, inclusive, ser confirmado historicamente” (Milovic, 2004, p. 20).

Nesse sentido, a filosofia de Milovic é muito coerente na crítica, pois o último texto que ele escreveu foi intitulado *Pandemia como História* (2020), onde mais uma vez a história se mostra como a cena da dominação. Nesse texto, Milovic também destaca a questão política, o “dramático tempo do desastre da direita e da resignação com a esquerda” (Milovic, 2023, p. 79).

O *segundo movimento* do contracolonialismo como crítica se confronta com a política. Para Nêgo Bispo, “existem modos de vida fora da colonização, mas política, não. Toda política é um instrumento colonialista, porque a política diz respeito à gestão da vida alheia. Política não é autogestão” (Bispo, 2023, p. 28). A crítica de Milovic à direita e à esquerda se radicaliza em Nêgo Bispo, para quem o trem da história e da política se identificam, se caracterizam pela dominação. Perguntado sobre o golpe contra a Presidente Dilma Rousseff, em uma entrevista, Nêgo Bispo respondeu: “Meu amigo, formiga que vai para banquete de tamanduá não volta. É isso.”⁵ Essa é a melhor síntese do ocorrido que nenhum cientista político foi capaz de realizar.

A direita é colonialista e a esquerda que deveria ser contracolonialista, participa do colonialismo de submissão. Um slogan criado pela esquerda europeia foi a afirmação de que

5 Ver Dois e Dois são Dois: Renato Nogueira e Nêgo Bispo: <https://amarello.com.br/2022/04/cultura/dois-e-dois-sao-dois-renato-nogueira-e-nego-bispo/>

“não sabemos *o que queremos*, mas sabemos *o que não queremos*”⁶. Esse discurso se proliferou e foi cooptado por manifestações de extrema-direita no Brasil nos anos de 2013-2015. A esquerda que não afirma sua potência marca a resignação de Milovic, pois uma esquerda que não sabe o que quer, nem esquerda é.

Admirador da música pernambucana, certa vez Miro me perguntou se eu conhecia a Banda Eddie. Há poucos dias, ouvi a composição “vida boa” no Álbum *Orquestra Frevo do Mundo*. Na interpretação de Almérico, há um manifesto que sintetiza o que é ser de esquerda. Para aqueles que ainda têm dúvidas sobre nossas pautas, faço a transcrição:

A gente tá querendo uma vida boa.

A gente tá querendo direitos igualitários para as mulheres.

A gente tá querendo as pessoas negras no topo, do topo, do topo, da pirâmide social.

A gente tá querendo as gays, a comunidade LGBTQI+ luminosas de vida, direitos e prazer.

A gente tá querendo indígenas donos dessa terra Brasil repletos de proteção e seus chãos.

A gente tá querendo nossas florestas e matas e mares protegidos e preservados.

Queremos as pessoas vivas, com respeito, amor e paz.

E vida boa para toda gente brasileira.⁷

A música da Banda Eddie anuncia os dilemas éticos e os paradoxos de uma “vida boa”, tema desenvolvido pela filósofa Judith Butler no texto *Pode-se levar uma vida boa em uma vida ruim?* A crítica de Milovic à política conflui com a crítica de Nêgo Bispo ao Estado, na medida em que o Estado é “colonialista e abstrato. Não existe governo bom para Estado ruim. Assim como não existe motorista bom para carro ruim, ou maquinista bom para trem ruim. Qualquer governo que governar este Estado será um governo colonialista, porque o Estado é colonialista” (Bispo, 2023, p. 47).

Em lugar da conclusão

O presente artigo foi afetado e movido pela notícia: “Nêgo Bispo ancestralizou”. A escrita deste texto, portanto, compartilha a prática afetiva de plantar nossos ancestrais e não enterrá-los. “A ancestralidade não é morte. A ancestralidade é vida. É presente. É agora. Ancestralidade é trajetória. Ancestralidade come. Nós precisamos alimentar a ancestralidade”, conforme dizia Nêgo Bispo.⁸

Sendo assim, alimentamos a confluência dos saberes de Miro e de Nêgo Bispo. Com Milovic, foi destacado a crítica ao colonialismo europeu e com Bispo, o contracolonialismo como crítica. O diálogo foi construído mediado por dois ensaios presentes no livro *Comunidade da Diferença e A terra dá, a terra quer*. No ensaio “Dominação e Ideologia: Hegel”, Milovic demonstra que o mundo global é produto de um delírio construído pela modernidade filosófica.

6 Ver “A tinta vermelha: discurso de Slavoj Žižek aos manifestantes do movimento Occupy Wall Street”

7 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i4ce8eTv1lI>

8 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RQ8v3ozHOjE>

Esse delírio está em sintonia com o colonialismo, eurocentrismo e falocentrismo legitimado pelo pensamento de Hegel. A posteriori, no ensaio *Direito do Simulacro*, Milovic indica que para entender o mundo contemporâneo e nós mesmos, não basta entender apenas os delírios, mas as neuroses e também as psicoses.

Sobre a contribuição do livro *A terra dá, a terra quer*, Nêgo Bispo disse: “[o livro] é como se fosse uma roça onde plantei palavras. E essas palavras plantadas nasceram quando você leu.”⁹ As palavras cultivadas aqui foram confluência e cosmofobia. No ensaio “Cidades e cosmofobia”, ficou patente os perigos da ilusão antropocêntrica sobre a superioridade do humano em relação à natureza e a cosmofobia como doença. Nesse fim dos tempos, os textos de Milovic e de Nêgo Bispo são antídotos contra o mal colonialista que nos rodeia, que quer nos possuir e consumir. “No dia em que os quilombos perderem o medo das favelas, que as favelas confiarem nos quilombos e se juntarem às aldeias, todos em confluência, o asfalto vai derreter!” (Bispo, 2023, p. 27).

Os povos originários e quilombolas resistem ao antropoceno e ao colapso ambiental. Para Krenak: “[...] não podemos nos render à narrativa de fim de mundo que tem nos assombrando, porque ela serve para nos fazer desistir dos nossos sonhos, e dentro dos nossos sonhos estão as memórias da Terra e de nossos ancestrais” (Krenak, 2022, p. 37). Nêgo Bispo também testemunha: “prefiro não falar em sonhos, mas em imaginários, pois os sonhos acabam quando acordamos. Nos meus imaginários estou na retaguarda, confluenciando na condição de suporte da geração neta” (Bispo, 2023, p. 32-33).

No lugar de pensar a história como cena do progresso, da dominação e do colonialismo, projetado pela modernidade, foi cultivado neste artigo a ancestralidade que não se confunde com o tempo linear do passado, presente e futuro. “Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui” (Krenak, 2022, p.11).

Como resultado, restou perceptível no diálogo de Miroslav Milovic com Antônio Bispo dos Santos que criticar o colonialismo é cultivar “uma nova comunidade autorreflexiva da diferença”¹⁰ e ser contracolonial é germinar a comunidade dos diversas¹¹. Assim, Miro e Nêgo Bispo confluem, certos de que “[...] as confluências não dão conta de tudo, mas abrem possibilidades para outros mundos.”¹²

Referências

Arendt, Hannah. *A condição humana*. Tradução Roberto Raposo; Revisão técnica e apresentação Adriano Correia. 13. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020.

Bispo dos Santos, Antônio. *Somos da terra*. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 12, p. 44-51, ago. 2018.

Bispo dos Santos, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA,

9 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xFoLwzy6AYc>

10 Milovic, 2004, p. 132

11 Bispo, 2023, p. 16.

12 Krenak, 2022, p. 42.

2023.

Couto, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. Portugal: Caminho de Lisboa, 2002.

Krenak, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Milovic, Miroslav. *Comunidade da diferença*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Ijuí, RS: Unijuí, 2004.

Milovic, Miroslav. *Direito como potência*. Santo Ângelo: Metrics, 2023.